



## Apresentação

### Por que eles têm medo de Paulo Freire na escola?

*Cristiano das Neves Bodart  
Cassiane da C. Ramos Marchiori*

Caro(a) leitor(a), em suas mãos está uma obra despretensiosa em apresentar de forma aprofundada os contributos do cidadão brasileiro Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), ou realizar releituras, novas interpretações ou prolongamentos de seu importante pensamento pedagógico. Esta obra, como ato político e de respeito ao saber científico, se opõe aos ataques políticos ao seu pensamento, os quais visam associá-lo aos fracassos educacionais brasileiros e caricaturar Freire como inimigo da pátria. Inevitavelmente parte de seu pensamento e de sua trajetória irão compor esta obra, mas advertimos que será para alicerçar os propósitos de cada capítulo e da obra como um todo. Ou seja, será meio e não fim.

Por que alguns grupos – reacionários – têm medo de Paulo Freire, em particular, na escola? Eis a questão norteadora deste livro! Trata-se de uma coletânea planejada/organizada visando proporcionar condições para que você acesse algumas das principais motivações dos ataques a esse pensador brasileiro e reflita sobre a (im)pertinência deles.

A obra tem início na problematização em torno da presença/ausência de Paulo Freire nas escolas brasileiras, argumentando que sua teoria não tem orientado o projeto educacional brasileiro como desejam os apoiadores das ideias e ideais freireanos, nem se faz presente como esbravejam segmentos da extrema-direita que o acusam de lesa-pátria. Podemos

afirmar que Freire se faz presente exatamente em sua ausência nas escolas, já que é improvável um(a) leitor(a) de Freire não recordar de seus escritos ao se deparar com muitas tristes facetas da realidade educacional brasileira.

O contexto que orienta cada um dos capítulos é marcado pelos ataques à pedagogia freireana, os quais vêm de diversos grupos e se ampliou de forma significativa com a ascensão da extrema-direita ao governo federal e com as campanhas difamatórias de personalidades como Olavo de Carvalho, demonstrado no capítulo 3 por Rodolfo Godoi. Nesta obra lançamos luz à algumas das maneiras como esses grupos se posicionam e (re)produzem discursos que visam desqualificar o autor e sua obra e demonstramos contra-argumentos que se tornam anti-negacionismo científico. Como demonstram Diana Cerdeira e Rodrigo Rosistolato no capítulo 4, em parte essa perseguição se dá por Freire ter militado pelas causas populares. Nesse sentido, você leitor(a) tem em mãos uma obra de caráter político, com posição clara e firme em prol da Ciência da Educação e seus contributos à sociedade – quase sempre ignorado pelos gestores públicos.

Os ataques a Freire ocorrem também porque o pensamento-prática presente em sua obra é viável, o que pode implicar em mudanças sociais, situação indesejada pelos conservadores, como demonstra Andréa Giordanna Araujo da Silva no capítulo 5.

Não nos resta outra posição. Não reconhecer as potencialidades da pedagogia freireana seria ignorar parte significativa da produção qualificada brasileira. Contudo, o aspecto político desta obra não reflete em limitação de nosso compromisso com a ciência, já que o que aqui defendemos é amplamente reconhecido no campo acadêmico nacional e internacional. Não entenda que estamos aqui realizando uma defesa irrestrita ao pensamento de Freire, como se esse não devesse ser criticado. O que fazemos é demonstrar as motivações que vêm gerando ataques que em nada se parece com uma crítica racional, científica e honesta. Como bem



destaca Thiago Ingrassia Pereira, no capítulo 2, “nenhuma autora e nenhum autor têm todas as respostas aos nossos dilemas”.

Como também não pretendemos esboçar a biografia de Freire, destacamos aqui apenas alguns aspectos de sua vida para deixar o(a) leitor(a) mais familiarizado(a) com o intelectual/ser humano semeador e cultivador de “palavras grávidas de mundo”<sup>1</sup>.

Paulo Freire nasceu em Recife, aos 19 dias de setembro de 1921. Filho do oficial da polícia militar de Pernambuco, Joaquim Temístocles Freire, e de Edeltrudes Neves Freire. De acordo com Freire, foi com seus pais, por serem de religiões diferentes e se respeitarem mutuamente, que aprendeu o diálogo que defende ser necessário entre discentes e docentes. Aos 23 anos, em 1944, casou-se com a professora do ensino primário Elza Freire. Pela aproximação de sua esposa com a educação, acabou se dedicando aos estudos da Educação, Filosofia e Sociologia da Educação; embora fosse bacharel em Direito, profissão que exerceu apenas uma vez.

Entre os anos de 1946 a 1954 ocupou o cargo de diretor do departamento de Educação e de Cultura do SESI (Serviço Social da Indústria) onde obteve as primeiras experiências com o método que iria aplicar em 1961 no movimento de Cultura Popular do Recife e, em 1962, nas “Quarenta horas de Angicos” (1979).

Com o golpe civil-militar de 1964, Freire se viu obrigado a se exilar até 1979. No exílio escreveu parte de suas obras de maior repercussão – no Chile escreveu seu livro mais importante, “Pedagogia do Oprimido” (1968) – e fomentou a continuidade de experiências a partir de sua proposta metodológica de alfabetização de adultos(as). Freire retorna ao Brasil famoso internacionalmente, mas ainda pouco reconhecido no Brasil. Seu maior reconhecimento no Brasil se dá a partir 1980. No dia

---

1 Paulo Freire toma as palavras como geradoras de saberes do mundo. Falar a palavra, para ele, é falar do mundo, já que essa é uma representação simbólica da realidade.